

A Relação Campo-Cidade na Região
Costa Oeste do Paraná

*The Rural-Urban Commuting in the
West Coast Region of Paraná*

*La Relación Campo-Ciudad en la Región
Costa Oeste de Paraná*

Adriana Eliane Casagrande* e Edson Belo Clemente de Souza**

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar a relação campo-cidade na região Costa Oeste do Paraná, considerando a influência que o campo exerce na cidade e a cidade no campo. Dessa forma, inicialmente discute-se a relação da população do campo com a cidade, evidenciando quais são as tecnologias e os serviços urbanos utilizados pelos agricultores. Em seguida, analisa-se a percepção, pela população urbana, sobre a importância da agricultura para a região e o impacto do consumo da população rural na economia regional. Foram investigadas também as atividades urbanas presentes na cidade, com destaque para a Feira do Produtor Rural. Para estas análises foram realizados trabalhos de campo e entrevistas com agricultores, comerciantes e consumidores das feiras do produtor rural. Constatou-se, em conclusão, que campo e cidade estão intrinsecamente ligados na região Costa Oeste do Paraná, principalmente nos pequenos municípios analisados.

Palavras-chave: Região Costa Oeste do Paraná. Relação campo-cidade. Tecnologias no campo. Cheque do leite. Feira do produtor rural.

ABSTRACT

This article has the purpose to analyze the rural-urban relationship in the West Coast region of Paraná, considering the influence that the field has on the city and the city on the field. Thus, initially the relationship of rural people to the city is discussed, showing what the technologies and services used by urban farmers are. Then the perception, by the urban population, on the importance of agriculture to the region and the impact of the consumption of the rural population in the regional economy is analyzed. Also, the urban activities present in the city were investigated, highlighting the Rural Producer Fair. For these analyzes, field work and

* Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Regionais (LABER) e do Grupo de Estudos Fronteiriços (GEF) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: adri_casagrande@yahoo.com.br

** Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. Pós-doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. Atualmente, é professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: ebelo2003@yahoo.com.br

Artigo recebido em 04/02/2015 e aceito para publicação em 14/10/2015.

interviews with farmers, traders and consumers of the Rural Producer Fairs were carried out. It was noted, in conclusion, that country and city are inextricably linked in the West Coast region of Paraná, especially in the small municipalities analyzed.

Keywords: West Coast Region of Paraná. Field-city Relationship. Technologies in the field. Milk Check. Rural producer fair.

RESUMEN

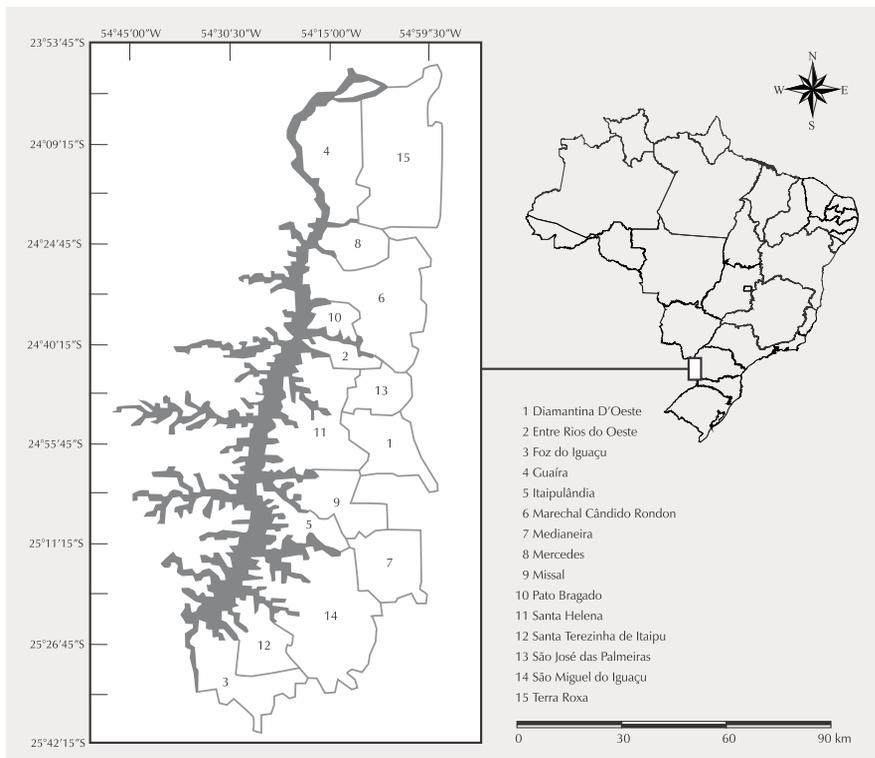
El presente artículo tiene el objetivo de analizar la relación campo-ciudad en la región Costa Oeste del Paraná, considerando la influencia que el campo ejerce en la ciudad y la ciudad en el campo. Así, inicialmente se discute la relación de la población del campo y de la ciudad, evidenciando las tecnologías y los servicios urbanos utilizados por los agricultores. En seguida, se analiza la percepción, por la población urbana, respecto a la importancia de la agricultura para la región y el impacto del consumo de la población rural en la economía regional. Se investigaron también las actividades urbanas presentes en la ciudad, con destaque para la Feria del Productor Rural. Para esos análisis fueron realizados trabajos de campo y entrevistas con agricultores, comerciantes y consumidores de la Feria del Productor Rural. Concluyendo, se constató, que campo y ciudad están intrínsecamente unidos en la región Costa Oeste del Paraná, principalmente en las pequeñas ciudades analizadas.

Palabras clave: Región Costa Oeste del Paraná. Relación campo-ciudad. Tecnologías en el campo. Cheque de la leche. Feria del productor rural.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a relação campo-cidade¹ na região Costa Oeste do Paraná. A região localiza-se na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina, sendo formada por quinze municípios (figura 1).

FIGURA 1 - REGIÃO COSTA OESTE DO PARANÁ - LOCALIZAÇÃO



FONTES: IBGE (2012)

NOTA: Elaborado por Adriana Eliane Casagrande, Maicol Rafael Bade (2012)

A configuração dessa região se dá a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e a conseqüente formação do Lago, no ano de 1982. Os municípios atingidos pelo Lago de Itaipu sofreram grandes impactos, principalmente no que concerne à reconfiguração do território, modificando a paisagem e as relações econômicas estabelecidas na região (SOUZA, 2009). Entre as mudanças em seu arranjo espacial, podem-se citar os novos limites de extensões territoriais nos municípios, além do processo de desmembramento territorial que deu origem a outros municípios.²

¹ Em Lefebvre (1969) e Santos (2000), cidade e campo são vistos como espaço, enquanto urbano e rural se referem ao conteúdo social das formas espaciais. A demarcação conceitual da cidade e do campo no Brasil segue o padrão dos equipamentos e infraestruturas no espaço urbano; ou seja, tudo aquilo que não for urbano é rural (ALVES; VALE, 2013).

² Missal (1983), São José das Palmeiras (1985), Diamante do Oeste (1989), Entre Rios do Oeste (1989), Pato Bragado (1990), Itaipulândia (1992) e Mercedes (1993).

Ocorreu, portanto, uma reconfiguração regional, na qual os municípios passaram a ter o Lago de Itaipu como elemento em comum, o que permitiu a constituição de uma nova região.

Uma região é estabelecida a partir da produção do espaço, da interação entre a sociedade e a natureza, pelas relações sociais estabelecidas, com especial destaque para o papel das grandes empresas e do Estado, com suas iniciativas de “criação de regiões” (HAESBAERT, 2005).

É importante também ressaltar a importância da região devido à sua localização na faixa de fronteira com o Paraguai e a Argentina, caracterizando-se como um território com características diferenciadas dos demais. Na fronteira, as relações socioespaciais são diferenciadas e se expressam nos fluxos, na cultura e na identidade dos povos fronteiriços.

Assim, por se constituir num território com relações socioespaciais diferenciadas e que passou por grandes transformações, é importante o estudo da dinâmica populacional na região, nesse caso, tendo como base a relação campo-cidade.

Considera-se, neste trabalho, que em muitos municípios da região Costa Oeste permanecem viveres e práticas oriundas do meio rural. Além do mais, o processo de modernização agrícola teve como consequência uma intensa migração rural-urbana, fazendo com que a população rural que chega à cidade traga suas práticas de vida:

As práticas dos moradores provenientes do meio rural, bem como as narrativas a partir delas constituídas, apontam como estes universos campo/cidade mantêm uma intensa inter-relação [...]. As maneiras de se relacionar com os valores inerentes à terra não são de todo apagadas em suas lembranças ou vidas cotidianas, tampouco mostram que caminharam para um final categórico (PAGLIARINI, 2009, p.63).

Assim, a chegada desses trabalhadores rurais à cidade faz com que se organizem na vida social de acordo com as relações que estabelecem com os viveres, as práticas e os costumes que trazem do meio rural, numa reelaboração a partir das práticas vivenciadas na cidade.

Esse tipo de análise tem início nos últimos anos, principalmente a partir da década de 1990, quando surgem novas perspectivas de análise sobre a relação do campo com a cidade. Muitas transformações ocorreram no rural, em que categorias como agricultura familiar e turismo rural se efetivam no plano político, econômico e teórico. Dessa maneira, categorias como pluriatividades, ruralidades e urbanidades são tomadas como processos socioespaciais que permitem afinar o olhar sobre o campo e a cidade (MARTINS; SOUZA, 2010). Essas ruralidades e urbanidades não ficam restritas a seus respectivos espaços – campo e cidade –, mas passam a interagir e a estar presentes em ambas as espacialidades.

Na sociedade atual, os modos de vida e os aspectos socioculturais separam reduzidamente o rural do urbano. No urbano predomina a concentração, a aglomeração de pessoas, dinheiro, serviços e infraestrutura, e no rural a dispersão (SILVA; HESPAHOL, 2011).

Na perspectiva do modo de vida rural e urbano, que remetem à ruralidade e à urbanidade, respectivamente, Teixeira e Lages (1997, p.15) explicitam que:

Os modos de vida e comportamentos socioculturais separam cada vez menos os rurais dos urbanos e as clivagens que conheceu nossa sociedade no passado hoje não passam mais pela oposição entre cidade e campo. Todo o discurso sobre modo de vida específico, sobre o isolamento rural mudou, pois mudou a mobilidade e a acessibilidade, com maior oferta de serviços, informação e infraestrutura.

Assim, a cidade é cada vez mais entremeada por atividades do meio rural, do mesmo modo que o rural passa a designar novas funções produtivas e algumas de origem urbana. A presença da ruralidade nos “espaços urbanos”³ é evidenciada principalmente nas pequenas cidades, onde, além de a economia do rural exercer influência na cidade, a cultura, como festas e tradições, e o lazer também estabelecem vínculos com o campo. De acordo com Silva e Ferreira (2013, p.7):

Em pequenos municípios as pessoas ainda se apegam às tradições, carregando consigo uma cultura que se faz sentir nas relações sociais dos habitantes, com suas festas, atividades culturais. Esse conjunto de elementos retrata a identidade social da localidade, que traz elementos do campo para a cidade, ou seja, as ruralidades.

Dessa maneira, quanto a essas “pequenas cidades”,⁴ devem-se considerar a influência do rural, em que, em muitos casos, as cidades podem ser consideradas rurais na medida em que “[...] ela [a cidade] fornece a presidência das atividades técnicas do mundo rural e, inclusive, uma parcela da atividade intelectual das cidades médias que depende diretamente de uma demanda rural” (SANTOS, 1999, *apud* VILLA VERDE, 2004, p.8). Na região em estudo e em todo o oeste do Paraná, a agroindústria, representada pelas cooperativas agropecuárias, é extremamente representativa na economia regional, participando de forma intensa nos processos de produção, beneficiamento, armazenamento, industrialização e comercialização de produtos agropecuários (SOUZA; CORRÊA; GARCIA, 2008), o que vem confirmar a importância do campo para as cidades da região.

Decorre, portanto, que a importância do rural nas pequenas cidades deve ser levada em conta inclusive nas políticas públicas voltadas ao desenvolvimento: “Reconhecer, na prática, a expressividade do espaço rural é trazer essa dimensão para o plano operacional, incorporando-a nas análises, nos programas e nos projetos

³ “Em termos gerais, o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado” (CORRÊA, 1991, p.7).

⁴ “Por cidade, entende-se o espaço urbano de um município delimitado por um perímetro urbano. Por município, entende-se o espaço territorial político dentro de um estado ou unidade federativa. É o espaço administrado por uma prefeitura. O município possui um perímetro urbano e um perímetro rural” (PENA, 2015). Quem define o perímetro urbano de cada município é a Câmara Legislativa, com sanção do poder executivo.

governamentais e não-governamentais” (VILLA VERDE, 2004, p.32). Dessa forma, a seguir, realiza-se uma análise da relação campo-cidade na região Costa Oeste do Paraná.

Para sistematizar a estrutura deste artigo, o mesmo foi ordenado da seguinte maneira: a partir dessa breve introdução, que norteia em linhas gerais o texto como também enfatiza os pressupostos teóricos dos conceitos-chave (campo, cidade, rural, urbano, ruralidade, urbanidade, espaço urbano e espaço rural), discute-se, no primeiro tópico, a relação da população do campo com a cidade, evidenciando as tecnologias e os serviços urbanos utilizados pelos agricultores; em seguida, analisa-se a importância da população rural na economia da cidade; depois, as atividades agrícolas presentes na cidade e, por último, nas considerações finais, à luz do que foi apresentado ao longo do texto, articulam-se as ideias com sinais implícitos de que o tema é relevante e inesgotável sob o ponto de vista de sua complexidade e interpretação.

1 RELAÇÃO DOS AGRICULTORES COM A CIDADE

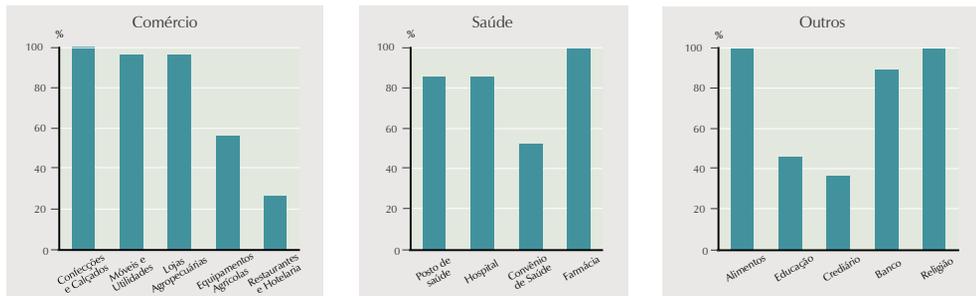
Com o objetivo de compreender os tipos de relações que os agricultores mantêm com as cidades, foram investigados, por meio de trabalho de campo, quais são os serviços utilizados pelos agricultores. Esses trabalhos de campo foram realizados entre 2013 e 2014, período da realização da dissertação denominada “Mobilidade populacional na região Costa Oeste do Paraná: do campo para a cidade” (CASAGRANDE, 2014). Procurou-se trabalhar com esse período, atual, para demonstrar que, em pleno século XXI, enquanto há regiões totalmente urbanizadas, em outras as práticas e saberes de origem rural ainda permanecem nas cidades, assim como a interdependência entre campo e cidade.

Nesse trabalho de campo, foram entrevistados, no total, 30 agricultores, residentes nos municípios de Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Terra Roxa, Mercedes, Pato Bragado, Entre Rios do Oeste e Santa Helena. Os agricultores e seus respectivos municípios foram escolhidos aleatoriamente. Entre os serviços pesquisados, foram questionados aqueles referentes à saúde (posto de saúde, hospital, convênio de saúde e farmácia), ao comércio (confeccões e calçados, móveis e utilidades domésticas, lojas agropecuárias e restaurantes e hotelaria), além de serviços voltados à educação, alimentos, religião, banco e crediário (gráfico 1).

Entre os serviços mais utilizados pelos agricultores estão confeccões e calçados, compra de alimentos (em todos os casos, realizados nos supermercados), religião, móveis e utilidades domésticas, lojas agropecuárias, bancos, postos de saúde, hospitais e farmácias.

Assim, observa-se que os agricultores têm a necessidade de ir à cidade para usufruir de seus serviços, tanto os ligados à economia (banco, crediário), voltados ao trabalho no campo (lojas agropecuárias, lojas de equipamentos agrícolas), assim como para atender suas necessidades pessoais, em relação à saúde, educação, religião, supermercados, utilidades da casa, roupas e calçados e, ainda, a serviços de lazer, como restaurantes e hotéis.

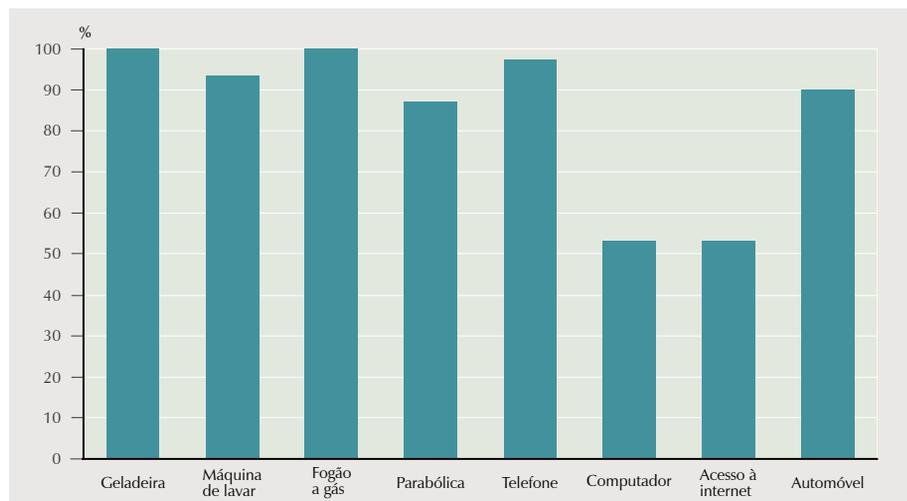
GRÁFICO 1 - SERVIÇOS QUE OS AGRICULTORES UTILIZAM NA CIDADE



FONTES: O autor

Conforme os dados apresentados, constata-se um tipo importante de relação do campo com a cidade, pela qual os agricultores buscam os serviços oferecidos no meio urbano, em especial as tecnologias consideradas urbanas (telefone, internet, computador, televisão) e que passam a fazer parte do cotidiano da população rural. Nesse sentido, a fim de confirmar essa informação, foram investigados os tipos de tecnologia que os agricultores possuem em casa, como se observa no gráfico 2.

GRÁFICO 2 - REGIÃO COSTA OESTE DO PARANÁ - TECNOLOGIAS PRESENTES NO CAMPO - 2013



FONTES: O autor

Verifica-se que entre aquelas tecnologias consideradas “indispensáveis”, como geladeira, fogão a gás e máquina de lavar, quase todos os agricultores possuem essas “máquinas” em casa, com exceção da máquina de lavar, que dois agricultores não possuíam. Em relação ao automóvel, um meio de transporte muito importante, 27 (90%) dos agricultores o possuem. Quanto às tecnologias de comunicação, verifica-se que também fazem parte da realidade do campo. A grande maioria dos agricultores possui telefone (29), antena parabólica (26), computador e acesso à internet (16).

Destarte, conforme os números vistos, constata-se que cada vez mais o campo deixa de ser visto como sinônimo de “atraso”, pois os grandes avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas não ficaram restritos às cidades, mas passaram a fazer parte do cotidiano rural também. Assim, tem-se “[...] um rural que interage com o urbano, sem deixar de ser rural; transformado, não extinto” (RUA, 2005, p.58).

Dessa forma, pode-se afirmar que os agricultores da região mantêm fortes relações com a cidade, principalmente por meio do uso de serviços e tecnologias consideradas urbanas. Da mesma maneira, em seguida, faz-se uma análise da relação campo-cidade, tendo como perspectiva a percepção do comércio sobre a importância da agricultura para a economia dos municípios da região Costa Oeste do Paraná.

2 A IMPORTÂNCIA DA POPULAÇÃO RURAL NA ECONOMIA DA CIDADE

Neste item busca-se analisar, a partir da visão dos estabelecimentos comerciais, qual é a importância da agricultura para a economia dos municípios da região. Para isso, foram entrevistados representantes de estabelecimentos comerciais de Marechal Cândido Rondon e Santa Helena, além de representante da Associação Comercial e Empresarial de Marechal Cândido Rondon (ACIMACAR) e do Sindicato Rural de Marechal Cândido Rondon. Esses municípios foram selecionados por sua proximidade e por apresentarem elevado percentual de estabelecimentos com agricultura familiar (Marechal Cândido Rondon com 84,77% e Santa Helena com 84,50%, de acordo com o IBGE, Censo Agropecuário 2006). Entre os estabelecimentos comerciais entrevistados, dez pertencem a Marechal Cândido Rondon, sendo eles denominados como: Agropecuária 1, Agropecuária 2, Agropecuária 3, Comércio de Veículos, Confecções e Tecidos 1, Confecções e Tecidos 2, Farmácia, Implementos e Máquinas Agrícolas, Loja de Eletroeletrônicos e Posto de Combustível.

Os outros dez estabelecimentos comerciais são de Santa Helena e levaram a seguinte denominação: Agropecuária 4, Agropecuária 5, Comércio de veículos 2, Confecções 3, Farmácia 2, Loja de móveis, Loja de eletros e materiais de construção, Loja de celulares, Loja de utilidades e presentes, e Posto de combustível 2. Esses nomes foram utilizados a fim de manter a privacidade dos sujeitos de pesquisa.

Com base nas entrevistas realizadas com representantes da ACIMACAR e dos estabelecimentos comerciais, percebe-se que a agricultura tem grande importância para a economia dos municípios, sendo que o consumo dessa população rural exerce impacto no comércio da cidade. De acordo com o representante da Associação Comercial e Empresarial de Marechal Cândido Rondon:

Conforme o último Censo do IBGE (2010), Marechal Cândido Rondon possui 6.133 pessoas trabalhando diretamente na produção agropecuária. É um número representativo de pessoas que geram riquezas através da comercialização da produção rural, além de ser uma parcela importante de consumidores do comércio rondonense. Como terceira atividade que mais movimenta a economia do município, certamente a agropecuária é fundamental para Marechal C. Rondon (ACIMACAR, em entrevista concedida ao autor da pesquisa, 2013).

Dessa forma, a partir dos ganhos oriundos do trabalho no campo, os agricultores vêm à cidade realizar suas compras ou, ainda, realizam investimentos nas cidades, o que gera impacto na economia, principalmente nas pequenas cidades, onde a agricultura tem um peso maior.

Essa relação entre campo e cidade na região também pode ser constatada no trabalho de Ferrari (2009). Segundo o autor, a cultura da soja assume um importante papel na economia local (o seu trabalho refere-se principalmente ao município de Marechal Cândido Rondon). Se a produção for boa, a economia terá um bom desempenho, caso contrário fica estagnada por certo período. Além disso, conforme o autor, é essa dinâmica da agricultura que determina o preço da terra, seja ela agrícola ou urbana, uma vez que a maioria das negociações envolvendo essa mercadoria quase sempre tem seu preço atrelado ao preço da soja, que serve como parâmetro nas transações comerciais (FERRARI, 2009).

Em relação aos estabelecimentos comerciais, por meio das entrevistas realizadas com proprietários ou representantes para analisar a importância da agricultura para o município, foram obtidas as seguintes afirmativas em relação à pergunta: “Como comerciante, você considera importante a presença da agricultura em seu município? Por quê?”

Todos os estabelecimentos comerciais afirmaram que a agricultura tem importância para a economia de seus municípios. Além disso, muitos dos entrevistados afirmaram que é a agricultura que move a economia regional. Em ambos os municípios, alguns comerciantes destacaram a falta ou a pouca presença de indústrias em seus municípios, o que torna a agricultura um importante setor na economia, fortalecendo o comércio da cidade e a arrecadação de impostos.

Também foi destacada, por um estabelecimento agropecuário, a importância dos produtos do campo, sendo muito requisitados em supermercados, mercearias, além da própria feira do produtor, que atrai muitas pessoas em busca de produtos frescos e do campo.

Procurou-se ainda investigar em qual período do mês a população rural está mais presente nos estabelecimentos comerciais. Verificou-se, por meio das entrevistas, que a maior parte dos estabelecimentos recebe consumidores oriundos do campo durante todo o mês. Em Marechal Cândido Rondon, um comerciante destacou que recebe a população rural em maior proporção a partir da segunda metade do mês: “Entre os dias 13 e 25, pois é quando ocorre o pagamento do ‘cheque do leite’” (Agropecuária 2).

QUADRO 1 - COMO COMERCIANTE, VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE A PRESENÇA DA AGRICULTURA EM SEU MUNICÍPIO? POR QUÊ?

MARECHAL CÂNDIDO RONDON	
Agropecuária 1	Sim. Porque a economia do município se baseia em mais de 70% na agricultura.
Agropecuária 2	Sim, porque, na verdade, é ela [a agricultura] que move a economia da região, bem como a vocação das pessoas que aqui residem, pois todos temos raízes na agricultura.
Agropecuária 3	Através de produtos oriundos do meio rural pode-se ter um aumento na economia, pois existem as feiras de produtores, os mercados, as mercearias, que necessitam de produtos produzidos no campo. Outro grande exemplo são o milho, o soja, a mandioca, que quando entregues às empresas, fazem ter giro de capital.
Comércio de veículos	A agricultura é o principal propulsor de nossa economia. Como nosso município é carente de indústrias de porte, a agricultura, juntamente com a avicultura, a suinocultura e o leite, se tornaram os mais importantes segmentos de nossa atividade econômica e financeira.
Confecções e tecidos 1	Sim, porque em grande parte do nosso município a população depende da agricultura.
Confecções e tecidos 2	A principal fonte de renda de nosso município é baseada na agricultura, portanto é o que alavanca o comércio local.
Farmácia	Com certeza. Os agricultores são clientes assíduos, fiéis e têm por costume pagar à vista, mantendo sempre um crédito em aberto.
Implementos e máquinas agrícolas	Sim. Hoje o PIB do município vem principalmente da agricultura. Temos pouco incentivo para a indústria no nosso município.
Loja de eletroeletrônicos	Sim, porque, apesar de termos algumas indústrias no município, a agricultura ainda é o carro-chefe da economia municipal.
Posto de combustível	Sim. Na época de safra há um consumo maior de óleo diesel, e a contribuição dos cheques de produção mensal (leite).

FONTE: O autor

QUADRO 2 - COMO COMERCIANTE, VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE A PRESENÇA DA AGRICULTURA EM SEU MUNICÍPIO? POR QUÊ?

SANTA HELENA	
Agropecuária 4	Essencial. Porque é a agricultura que toca o município. Se a agricultura vai bem, o comércio vai bem.
Agropecuária 5	Sim, porque, no ramo que trabalhamos, a maioria dos clientes é do campo. Então, o ganho da loja gira muito em torno da agricultura.
Comércio de veículos 2	Sim. É muito importante. Porque é um setor econômico que influencia de forma muito significativa a cidade; gera matéria-prima para a cidade, onde o comércio vai para frente.
Confecções 3	Com certeza. Porque é o bom rendimento na agricultura que gera mais lucros nos comércios da cidade.
Farmácia 2	Sim. A sustentabilidade do município é a agricultura.
Loja de móveis	A agricultura é uma das principais bases econômicas de Santa Helena, sim. A agricultura é um fator muito importante em nosso comércio, pois se tudo vai bem com os agricultores, o comércio tem uma rotatividade melhor, e os agricultores são os maiores clientes em nossa loja, não só em época de safra, como o ano todo.
Loja de eletro e materiais de construção	Sim. Porque é a agricultura que movimenta o mercado, principalmente na nossa região, gerando emprego e renda.
Loja de celulares	Sim.
Loja de utilidades e presentes	Sim. Santa Helena não tem indústrias, então dependemos da agricultura.
Posto de combustível 2	Sim. As atividades da agricultura são a base do desenvolvimento econômico do nosso município. A agricultura fortalece o comércio da cidade e a arrecadação de impostos para o município.

FONTE: O autor

Em relação ao “cheque do leite”, informalmente, ouve-se falar que essa forma de pagamento se torna um fator importante na vinda da população rural para consumir nas cidades.

O cheque do leite corresponde a um pagamento periódico, efetuado pelas indústrias de laticínio aos produtores rurais que lhes comercializam esse produto. É, portanto, por meio do cheque do leite que os produtores rurais possuem uma renda fixa mensal, ao contrário dos rendimentos oriundos de safras, que geralmente dependem do ciclo da colheita, ou da entrega de animais, o que ocorre sazonalmente. Assim, por meio do cheque do leite, os produtores rurais podem realizar mensalmente suas compras na cidade.

No intuito de confirmar ou refutar a importância do cheque do leite na região, foi questionado aos comerciantes se este exerce influência no comércio. Entre as respostas, percebeu-se que há estabelecimentos onde o cheque do leite ainda tem influência, enquanto que em outros não se verifica mais essa relação. Assim, em quatro estabelecimentos comerciais não se nota a presença do cheque do leite, e em dois desses estabelecimentos afirmou-se que a presença do cheque era mais perceptível há alguns anos. Outros cinco estabelecimentos comerciais não responderam essa questão.

Diferentemente desta realidade, no entanto, em outros 11 estabelecimentos a presença do cheque do leite ainda é perceptível, como pode ser observado no quadro 3.

QUADRO 3 - ESTABELECIMENTOS QUE CONSTATARAM A INFLUÊNCIA DO CHEQUE DO LEITE

Confecções e tecidos 2	Sim, a maioria vem para a cidade, vai para os mercados e acaba gastando o restante no comércio.
Confecções e tecidos 1	Sim. Geralmente o cheque do leite é pago entre os dias 13 e 15 de cada mês. Coincide com os consumidores que dependem dessa atividade.
Agropecuária 3	Com certeza, é com o cheque do leite que eles vêm para a cidade para fazer as compras do mês.
Agropecuária 2	Com certeza, pois o comércio da cidade é praticamente dependente do cheque do leite, pois é quando o produtor realiza as compras ou faz pagamento de compras feitas.
Agropecuária 5	Sim, porque os clientes compram aqui e nos pagam com o cheque do leite. A maioria deles sobrevive com esse dinheiro.
Comércio de veículos 2	Sim.
Confecções 3	Sim, isso é constante todos os meses.
Farmácia 2	Sim.
Loja de móveis	Aqui em nossa empresa tem muitos clientes que compram com o “cheque do leite”.
Loja de eletro e materiais de construção	Sim. É com ele que os agricultores fazem suas compras a prazo, pois o cheque do leite é uma ‘renda fixa’, é algo que eles têm garantido todo mês.
Posto de combustível 2	Sim, pois quando o agricultor recebe o pagamento do seu produto vendido, ele vem para a cidade, onde paga suas contas, faz novos negócios e assim movimentam o comércio em si.

FONTE: O autor

Portanto, a maioria dos estabelecimentos (11) reconhece a presença do cheque do leite, que, inclusive, é aplicado em seus estabelecimentos.

Dessa forma, constata-se que o cheque do leite é relevante na região, sendo investido no comércio, quando das compras realizadas pelos agricultores. O cheque do leite, portanto, é uma forma de o agricultor movimentar a economia dos municípios, tornando-se, nesse contexto, um elemento de ligação entre o campo e a cidade, presente na cidade por meio de compras realizadas no comércio e na prestação de serviços. O cheque do leite é, portanto, um elemento da ruralidade presente nos municípios da região.

Assim, a agricultura tem muita importância na economia da cidade, principalmente devido ao consumo da população oriunda do campo. Após compreender a importância da população rural na economia da cidade, no item a seguir analisa-se a presença da população rural na cidade por meio da Feira do Produtor Rural, uma forma de atividade agrícola presente na cidade.

3 ATIVIDADES AGRÍCOLAS PRESENTES NA CIDADE

Principalmente nas pequenas cidades, ocorre o encontro entre a ruralidade e a urbanidade por meio de territórios que se constituem na cidade, espaços de sociabilidade e de pertencimento que os trabalhadores rurais constroem e reelaboram a partir do contato com o urbano (PAGLIARINI, 2009). Entre esses territórios está a Feira do Produtor Rural (FPR), uma forma de encontro entre o rural e o urbano.

A FPR pode ser compreendida como um espaço de comércio, principalmente de produtos agropecuários, oriundos da agricultura familiar. Os produtores se beneficiam com a feira, uma vez que seus produtos se tornam de fácil acesso aos consumidores, pois a venda é realizada diretamente ao consumidor, sem a presença de intermediários, o que eleva o preço de seus produtos, aumentando sua renda.

Com a realização das feiras, os produtos se tornam de fácil acesso aos consumidores, facilitando esse encontro entre produtor-consumidor. Também são produtos frescos, de qualidade, e geralmente de origem orgânica. Por essas características, as feiras passam a ser valorizadas pela população urbana.

Em estudo desenvolvido no município de Marechal Cândido Rondon, Pagliarini (2009) compreende a FPR como mais do que um simples ponto de comercialização de produtos agrícolas. Para o autor, a FPR é compreendida como “[...] um espaço em que práticas rurais e urbanas se relacionam na vida de seus usuários/praticantes” (PAGLIARINI, 2009, p.27). Dessa forma, a feira também se torna um ponto de encontro, de lazer.

Nas visitas feitas às FPR nos trabalhos de campo, constatou-se que muitas pessoas, principalmente idosas, frequentam esse espaço para passar o tempo, conversar com os amigos, consumir produtos, como lanches e sucos, no próprio local, na feira.

Dessa forma, nesta pesquisa foram estudadas três FPRs, localizadas em três dos maiores municípios da região (Guaíra, Marechal Cândido Rondon e Santa

Helena), com população acima de 20 mil habitantes. É evidente que, nos municípios menores (com até 10 mil habitantes, categoria na qual encontram-se sete municípios da região), a presença da ruralidade nas cidades é mais perceptível. Além disso, entre esses municípios maiores, acima de 20 mil habitantes, como Foz do Iguaçu, Guaíra, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Santa Helena, Santa Terezinha de Itaipu e São Miguel do Iguaçu, os municípios escolhidos são aqueles que apresentam maior percentual de estabelecimentos com agricultura familiar (Guaíra com 86,62%, Marechal Cândido Rondon com 84,77% e Santa Helena com 84,50%, de acordo com o IBGE, Censo Agropecuário 2006).

Por isso, procurou-se realizar a análise da importância das FPRs nesses municípios maiores, onde, além da agricultura, o comércio e os serviços também influenciam significativamente na economia do município. Considerou-se também a proximidade entre eles. E ainda, no caso de Guaíra, a FPR abarca, além dos produtores de Guaíra, produtores de municípios vizinhos, como Terra Roxa.

A FPR de Marechal Cândido Rondon surgiu na década de 1960, mas foi formalmente implantada em 1990, e ocupa, desde então, uma área exclusiva para a comercialização de seus produtos. Situa-se em um terreno cedido pelo Sindicato dos Produtores Rurais de Marechal Cândido Rondon, onde os feirantes, com o apoio da prefeitura, construíram um barracão que tem funcionamento nas terças e sextas-feiras à tarde. Essa feira tem orientação da EMATER/PR, da Secretaria Municipal da Agricultura e da Vigilância Sanitária Municipal. Na figura 2 podem ser visualizadas as FPRs de Marechal Cândido Rondon, Guaíra e Santa Helena.

FIGURA 2 - FEIRA DO PRODUTOR RURAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON, GUAÍRA E SANTA HELENA - 2013



FONTES: O autor

A FPR de Guaíra teve início ainda na década de 1950, sendo instituída formalmente por meio da Lei Municipal nº 1.974/2012. Está localizada na Praça Duque de Caxias, atende nas quartas-feiras e nos sábados, e tem também orientação da prefeitura municipal e da EMATER/PR. Já, a feira de Santa Helena surgiu há aproximadamente 11 anos, de acordo com os produtores entrevistados. Atualmente, são os próprios feirantes que organizam a feira.

Assim, por meio dos trabalhos de campo, procurou-se analisar como funcionam e foram organizadas as feiras, qual a sua importância para a renda dos produtores e para a cidade, assim como sua caracterização, quais produtos são comercializados, etc. Inicialmente, apresenta-se um pouco do perfil dos produtores que trabalham nas feiras. Do total dos 15 produtores entrevistados, 14 residem no campo e são proprietários de sua terra, enquanto um produtor reside na cidade, mas possui uma propriedade rural onde produz seus produtos. A mão de obra empregada nessas propriedades é predominantemente familiar, com alguns casos de mão de obra de terceiros (empregados).

Entre as principais atividades desenvolvidas nessas propriedades, constam: cultivo de soja, milho, mandioca, amendoim, verduras e hortaliças, fruticultura, cana-de-açúcar, apicultura, avicultura, criação de gado de raça e leiteiro, e criação de frango. A partir dessas culturas, são comercializados nas FPRs: hortaliças, legumes, leite e seus derivados, pães, bolos, bolachas, tapioca, geleias, massas (como macarrão), mel, frutas, conservas, carnes, peixes, embutidos e defumados, espetinhos, pastéis, caldo de cana, cachaça, etc. Nem todos os produtos comercializados nas feiras são oriundos do campo, pois também se vendem lanches e refrigerantes.

Entre os entrevistados de Marechal Cândido Rondon, a maioria comercializa produtos orgânicos, com exceção de um produtor, que trabalha com embutidos e defumados. Já, em Guaíra e em Santa Helena, apenas um dos cinco entrevistados de cada feira comercializa produtos orgânicos. Assim, essas feiras podem ser compreendidas como “feiras mistas”, aquelas que articulam tanto produtores orgânicos quanto produtores convencionais.

Questionou-se também se a venda de produtos na FPR tem grande importância na geração de renda na família. Constatou-se que a feira torna-se uma das principais atividades geradoras de renda para a família, sendo que, no caso de um produtor, essa renda seria um fator de sua permanência no campo: “[...] é a nossa sobrevivência. Nós estamos ainda no sítio por causa da Feira” (Produtor 2, em entrevista concedida ao autor da pesquisa, 2013). Assim, a FPR torna-se uma importante fonte de renda aos produtores rurais, sendo, em alguns casos, a responsável pela permanência do produtor no campo. Também foram realizadas entrevistas com os consumidores dessas feiras (15 consumidores, 5 de cada município: Marechal Cândido Rondon, Guaíra e Santa Helena) para compreender as razões de eles frequentarem a feira, quais produtos compram e quais seriam as vantagens de comprar numa FPR (quadro 4).

Entre as vantagens de comprar os produtos da FPR, algumas afirmações são as mesmas que aquelas citadas pelos produtores das feiras, tais como: produtos frescos, orgânicos, a confiabilidade na origem do produto, a qualidade e o preço mais barato.

QUADRO 4 - MOTIVOS E VANTAGENS DE FREQUENTAR A FPR

Quais são os principais motivos e as vantagens para você frequentar a feira do produtor?	
1	Para comprar as coisas, mandioca, pão, cuca. Porque acho os pães e a cuca mais gostosos, as verduras, melado.
2	Os produtos são muito bons, fresquinhos, e são sem agrotóxicos. Gosto muito de comprar aqui. A gente é bem atendida. As vantagens são também que a gente encontra gente com quem conversar. Porque eu era professora, os professores também se encontram de vez em quando aqui na feira. É muito gostoso, né. E a gente compra produtos bem fresquinhos, em primeiro lugar, que a gente gosta.
3	É, produtos frescos, de boa qualidade, orgânicos, sem muito agrotóxico, e de origem confiável. É a praticidade, tudo isso que a gente já falou, mas a praticidade de vir aqui e achar o produto que você precisa, e isso faz toda diferença e a qualidade, principalmente.
4	Produtos coloniais e o preço mais em conta. Por ser produtos coloniais, por estar bem mais em conta. Eu pelo menos sei a origem dos produtos, então, a confiabilidade é bem maior.
5	Para comprar coisas mais fresquinhas, assim. Porque o produto é mais fresquinho.
6	Para fazer compras de produtos vendidos aqui. Que são produtos frescos, do dia.
7	É porque eu gosto. O atendimento é gostoso. Aqui tem um bom atendimento. As coisas são gostosas.
8	A gente vem na feira por causa dos produtos naturais, os produtos mais fresquinhos, o preço diferenciado. Por isso. Por ser um produto mais fresquinho, por ser produção daqui da cidade.
9	Pelo motivo dos alimentos serem muito bons, e a gente vem por uma distração, passear um pouco. Pelos produtos não terem agrotóxico, essas coisas.
10	Melhor, né, mais gostoso, natural. Eu prefiro. Eu acho mais barato, melhor, mais fresquinho.
11	A qualidade, né, e a maioria sem agrotóxico e venenos.
12	É que são produtos agrícolas, e são mais frescos, né, menos agrotóxicos. É mais natural. É por causa que são produtos naturais, né, com menos agrotóxicos.
13	Ah! Melhor, né, que daí tu não precisa plantar, né, não vale a pena plantar. É porque na feira, aqui não tem veneno, né. Às vezes tu pega mais fresco.
14	Pra ser sincera, eu morava no sítio. Como agora a gente está na cidade, busca na feira o que não tem. Mais adequado pegar aqui. Eu acho uma coisa mais fresca, com menos resíduo assim de veneno que eles usam, menos industrializado.
15	Qualidade dos produtos. Olha, um pouco a qualidade. As verduras na feira é melhor aqui. E certos produtos, o preço também, mais barato que no mercado.

FONTE: O autor

Merece destaque compreender que, em alguns casos, a feira é mais que um local de compra de alimentos, pois se torna um ponto de encontro, onde as pessoas podem conversar: “[...] a gente vem por uma distração, passear um pouco” (Consumidor 9, em entrevista concedida ao autor da pesquisa, 2013). Torna-se, assim, um local de lazer. Conforme Pagliarini:

Mais do que um simples ponto do comércio local, a FPA pode ser entendida como um lugar de interações sociais, pois as pessoas não a frequentam apenas e unicamente para comprar os produtos oferecidos à comercialização. É, também, o lugar de reencontro com amigos, de se discutir a política, o clima e os acontecimentos da cidade (PAGLIARINI, 2009, p.93).

Dessa maneira, por intermédio dos trabalhos de campo, constatou-se uma grande presença de idosos nessas feiras, geralmente pessoas que viviam no campo, que buscam na feira os produtos que antes produziam, assim como para rever o pessoal do campo, reaproximar-se do cotidiano rural. Conclui-se, portanto, que as feiras tornam-se efetivamente um ponto de encontro entre o urbano e o rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se destacar, neste artigo, que apesar de campo e cidade terem sido interpretados como dicotômicos historicamente, nas últimas décadas, devido a esse novo paradigma em que nossa sociedade se insere, o da globalização, do meio técnico-científico-informacional, campo e cidade passam a interagir de forma mais expressiva do que no passado.

Verifica-se a presença, cada vez maior, no campo, de tecnologias de comunicação, antes restritas às cidades, mas que agora passam a integrar os dois polos, servindo ainda como uma maneira de estreitar os laços entre campo e cidade. Essa perspectiva da conectividade dos indivíduos em redes virtuais os insere cada vez mais no movimento da sociedade global, ressignificando suas vidas no cotidiano dos lugares a que pertencem.

Também na cidade são encontradas manifestações e experiências tidas como rurais, tais como tradições, festas religiosas, o costume da população de produzir alimentos em hortas, assim como a venda de produtos do campo na cidade, principalmente por meio das Feiras do Produtor Rural. Com a FPR, realiza-se uma troca entre a cidade e o campo, em que a população rural complementa sua renda por meio da comercialização de seus produtos, enquanto a população urbana busca produtos com maior qualidade e melhor preço, além do fato de a feira tornar-se um ponto de encontro, de lazer e de aproximação do cotidiano rural. No conjunto, efetivamente, irá impactar uma mudança da relação campo e cidade.

A mobilidade existente entre o campo e a cidade seja da população, das mercadorias produzidas, dos serviços, dos bens agregados e das informações aumentam em velocidade e capilaridade nos dias de hoje, ocorrendo a integração dos espaços pelas redes constituídas.

Nessa trama de novas relações sociais, são reproduzidas as relações sociais de produção com dimensões ditadas pelo mercado como também por aqueles agentes que participam ativamente das ações que lhe dão sentido.

Dessa forma, por meio do exemplo das FPRs e seus consumidores, das entrevistas realizadas com o comércio e com as entidades, constata-se que campo e cidade não são mais dicotômicos, que práticas urbanas permeiam o campo, assim como práticas rurais são vivenciadas nas cidades. Enquanto apontamento, o tema gera outras inquietações a serem investigadas. Uma delas pode ser o significado da divisão territorial do trabalho diante das transformações pelas quais o campo e a cidade vêm passando nos últimos quarenta anos, pois as relações entre um e outro não são mais as mesmas, redefinindo o papel de cada um no processo de produção capitalista.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. D.; VALE, A. R. A relação campo-cidade e suas leituras no espaço. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Ed. Esp. Geografia Agrária, p.33-41, 2013.
- CASAGRANDE, A. E. **Mobilidade populacional na região costa oeste do Paraná: do campo para a cidade**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2014. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/20/TDE-2014-08-18T205600Z-1271/Publico/Adriana_Eliane_Casagrande.pdf>. Acesso em: 08 set. 2015.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: Ática, 1991.
- FERRARI, W. J. **A expansão territorial urbana de Marechal Cândido Rondon-PR: a produção da cidade a partir do campo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.
- HAESBAERT, R. Região: trajetos e perspectivas. In: JORNADA DE ECONOMIA REGIONAL COMPARADA, 1., 2005, Porto Alegre, RS. **Anais...** Porto Alegre: FEE-RS, 2005.
- IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.
- MARTINS, G. I.; SOUZA, A. F. G de. A relação campo e cidade: novas urbanidades e ruralidades, definições e (re)definições. **Revista Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v.11, n.36, p.37-51, dez. 2010.
- PAGLIARINI, R. **O “colono” na cidade: memórias e viveres rural-urbanos em Marechal Cândido Rondon (Oeste do Paraná, 1970-2009)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2009.
- PENA, Rodolfo F. A. **Cidade e município: qual é a diferença?** Brasil Escola. Disponível em: <brasilecola.uol.com.br/geografia/cidade-municipio-qual-diferenca.htm>. Acesso em: 10 set. 2015.
- RUA, J. **A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica**, 2005. Disponível em: <<http://www.anpege.org.br/downloads/revista/2/resignificacao.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2012.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do fundamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SILVA, A. de P.; FERREIRA, D. A. de O. A ruralidade em pequenos municípios do interior paulista: Cristais Paulista (SP) como estudo de caso. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.6, n.2, jan./jun. 2013.
- SILVA, P. F. J. da.; HESPANHOL, R. A. de M. Relações cidade-campo e urbano-rural: contribuição para a análise geográfica do Projeto Cinturão Verde da Ilha Solteira, São Paulo e para o Programa Vilas Rurais em Lerrovile, Paraná, Brasil. **GeoAtos**, Presidente Prudente, v.2, n.11, p.33-48, 2011.

SOUZA, E. B. C. de. **A (re)produção da região do Lago de Itaipu**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2009.

SOUZA, M. A. P.; CORRÊA, W. K.; GARCIA, L. A. F. Urbanidades e ruralidades: uma nota sobre o município de Cascavel no Paraná. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 7., 2008, Cascavel, PR. **Anais...** Cascavel: 2008. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/VIIseminario/economia/artigo37.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

TEIXEIRA, M. A.; LAGES, V. N. Transformações no espaço rural e a geografia rural: ideias para discussão. **Revista Geografia**, São Paulo, v.1, n.14, p.9-33, 1997.

VILLA VERDE, V. **Territórios, ruralidade e desenvolvimento**. Curitiba: Iparde, 2004. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/territorios.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2014.